

PARÊMIAS EM MUTAÇÃO: VARIANTES DOS PROVÉRBIOS COMO RECURSO EXPRESSIVO

SAYINGS IN MUTATION: PROVERB VARIANTS AS EXPRESSIVE RESOURCES

*Claudio Cezar Henriques **

Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Resumo: A eficácia expressiva dos provérbios, na opinião de muitos autores, deriva sobretudo de determinados aspectos de sua estrutura. O paralelismo por correlação, a inversão coesiva e a elipse do verbo são alguns desses recursos. A reiteração no uso, sua permanência e popularização são fatores comumente focalizados por paremiólogos portugueses e brasileiros na pouco volumosa bibliografia especializada da área. Um tema conexo começa, porém, a receber a atenção dos estudiosos. Nele, encontramos o que alguns chamam de “antiprovérbios”, definidos como corruptelas, deformações, pastiches ou trocadilhos que se criam sob a inspiração de uma frase, largamente conhecida por uma comunidade, com um intuito ora humorístico ou satírico, ora publicitário ou comercial — às vezes ambos. Preferimos chamá-los neste trabalho de “aloprovérbios”, examinando no contexto brasileiro sua ocorrência como variante discursiva, cuja pretensão é, no fundo, a mesma da sua matriz. Entendemos que, perdida ou esvaziada a força expressiva da forma original, o “aloprovérbio” busca reiluminar o teor moral, experiencial ou prático primitivo, ainda que sob uma veste às vezes antagônica. Em caso de efemeridade, essa variante vira “águas passadas”; em caso de permanência, essa variante se fixa como o provérbio que “venit, vidit, vicit”.

Palavras-chave: paremiologia; léxico; discurso.

Abstract: *The expressive efficacy of proverbs, according to many authors, derives mainly from certain structural aspects. The parallelism by correlation, the cohesive inversion and the ellipsis of the verb are some of the resources. The repetition in use, the constancy and the popularization of proverbs are aspects generally focused by Portuguese and Brazilian paremiologists in the not so vast specialized bibliography in this area. A correlated theme, though, starts to attract the attention of scholars. Included in it, we find what some call “antiproverbs”, defined as corruptions, deformations, pastiches or quibbles that are formed under the inspiration of a sentence, largely known by a community, with an aim either humorous or satirical, either an advertising or commercial one — sometimes both. In this paper, we prefer to call them “aloproverbs”, examining in the Brazilian context their occurrences as discursive variations, which objective is basically the same of the original ones. We believe that, lost or depleted the expressive power of the original form, the “aloproverb” sheds new light to the moral, experiential or practical content of the primitive proverb, even if sometimes under antagonic robes. In the case of ephemerality, this variation will be “just water under the bridge”; in the case of constancy, this variation is fixed as the proverb that “venit, vidit, vicit”.*

Keywords: *Paremiology; Lexicon; Discourse.*

* Professor titular da Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil; claudioch@uol.com.br

Introdução

Adágios, aforismos, anexins, axiomas, máximas, provérbios... Palavras que, com pequenas variações de sentido, apontam aquela expressão conceitual ou sentenciada, invariavelmente concisa, cuja legitimidade se sustenta no legado da tradição e na aprovação pelo senso comum. Esse uso reiterado e partilhado por tantos em tão diferentes lugares e situações consiste em recorrer a “frases feitas” para condensar um contexto ou episódio que, até por força da memória coletiva, justifica a busca por um provérbio que “explique” aquela ocorrência.

A eficácia expressiva dos provérbios, na opinião de muitos autores, deriva sobretudo de determinados aspectos de sua estrutura, sendo o paralelismo por correlação, a inversão coesiva e a elipse do verbo alguns desses recursos. Na língua portuguesa, a pouco volumosa bibliografia especializada da área¹ mostra paremiólogos portugueses e brasileiros abordando regularmente a reiteração no uso, a permanência e a popularização dos provérbios. Um tema conexo começa, porém, a receber a atenção dos estudiosos. Nele, encontramos o que alguns chamam de “antiprovérbios”, definidos como corruptelas, deformações, pastiches ou trocadilhos que se criam sob a inspiração de uma frase, largamente conhecida por uma comunidade, com um intuito ora humorístico ou satírico, ora publicitário ou comercial – às vezes ambos.

Preferimos chamá-los neste artigo de “aloprovérbios”, examinando no contexto brasileiro sua ocorrência como variante discursiva, cuja pretensão é, no fundo, a mesma da sua matriz. Entendemos que, perdida ou esvaziada a força expressiva da forma original, o “aloprovérbio” busca reiluminar o teor moral, experiencial ou prático primitivo, ainda que sob uma veste às vezes antagônica.

Se essa variante tem uso efêmero, vira “águas passadas”, mas em caso de permanência ela se fixa como o aloprovérbio que “venit, vidit, vicit”.

¹ Veja-se a respeito *Dicionarística Portuguesa: inventariação e estudo do património lexicográfico*, organizado por Telmo Verdelho e João Paulo Silvestre. Universidade de Aveiro, 2007, p. 190-201.

Algumas hipóteses



Figura 1: Disponível em: <www.facebook.com.br>. Acesso em: 24 out. 2010

Quando um publicitário, jornalista, compositor, escritor ou pessoa comum “recria” um provérbio consagrado, suas pretensões podem ser muito variadas: fazer humor, despertar empatia, criar estranheza, provocar reflexão, mostrar criatividade... Essa ação nos revela, porém, que, se há textos que passam de geração a geração, não há dúvida de que os provérbios, máximas e ditos populares estão entre seus mais garantidos exemplares. Já se sabe disso há muito tempo. Wolfgang Mieder (2012, p. 9) lembra a curta definição do Lorde John Russell (prov. 1850): “Provérbio é o engenho de um com a sabedoria de vários.”

Insere-se neste ponto a explicação de Besselaar sobre a verdade que as “leis históricas” expressam:

Os homens têm memória suscetível até de alto grau de aperfeiçoamento, mas sempre dependente de uma impressão material que se assemelhe a outra, recebida anteriormente. Falta-lhes, porém, a recordação, pela qual o homem é capacitado a fazer voltar à lembrança coisas antes experimentadas, independentemente de toda e qualquer impressão material. O homem vive no tempo e, ademais, pode refletir nas suas experiências, tirando-lhes conhecimentos gerais a fim de aproveitá-los para um caso semelhante no futuro. A experiência refletida torna-se assim instrumento poderoso a serviço do homem, possibilitando-lhe o melhoramento constante das condições materiais e de todas as manifestações superiores

da vida humana. Não se limita à existência de um só indivíduo: pode-se transmitir de uma pessoa a outra, de uma geração a outra. (BESSELAAR, 1974, p 30)

O próprio Besselaar mostra que a inserção tem sentido com nosso tema, quando diz adiante que essas leis históricas se aproximam muito da sabedoria popular contida nos provérbios (cf. 1974, p. 58), definidos por Aristóteles como relíquias da antiga filosofia, perdida pelos vários acontecimentos do tempo, mas ainda muito poderosos para consumir e gastar tudo o que alcança (cf. VERDELHO & SILVESTRE, 2007, p. 193).

A disponibilidade das pessoas para o uso e manipulação dos “ditos populares” é um fato estudado por lexicólogos e linguistas interessados pelo campo da paródia, da interdisciplinaridade, da interdiscursividade. A habilidade de lidar com o humor ou a sátira, a observação arguta de raízes históricas e a pretensão comunicativa do enunciador dessas variantes proverbiais podem gerar novos quebra-cabeças, enigmas e provocar reflexões e indagações acerca do que podemos chamar de uma categoria especial de “escrita criativa”.

Tomemos o caso da sequência “*Quem canta seus males espanta*”. Num levantamento feito no portal “terra” em <www.letras.mus.br>, observa-se o registro de quase cinquenta canções diferentes que fazem menção a esse provérbio, muitas vezes no próprio título². A lição colhida nesse *corpus* é a reverberação de seu conteúdo, que mostra o ato de cantar como a receita ideal para esquecer as tristezas, os males da vida. Uma paródia recorrente para esse provérbio – usada em músicas e esquetes de humor – é “Quem canta seus males... espanta” (geralmente escrito com vírgula em vez de reticências). Esse tipo de contradição que consiste em subverter o significado original por meio de alterações de variados componentes da língua (nesse caso, uma alteração sintático-prosódica) é chamado de “desvio” (*détournement*). O termo foi empregado, no início da segunda metade do século passado, na linguagem da cultura de massa, quando *slogans* e logotipos de marcas famosas do sistema foram repaginados com o intuito de se voltarem contra os próprios detentores da marca comercial ou política. Opõe-se ao termo “recuperação”, que consiste em buscar um contexto mais aceitável para que as mesmas marcas possam ser reabsorvidas. Ainda que os limites entre o provérbio e sua variante possam ser discutidos segundo perspectivas ou níveis diferentes, a estreita relação entre os dois termos ocupa uma espécie de “ponte” entre o passado e a contemporaneidade.

² Cinco músicas diferentes têm o título “Quem canta seus males espanta” – duas delas usadas como tema de escolas de samba, (Arrastão de Cascadura e Império da Casa Verde); Carmen Miranda, Zélia Duncan e Irmãs Freitas são as intérpretes mais conhecidas das outras três.

Provérbios não são simplesmente frases criadas anonimamente nas comunidades onde são usados. Eles traduzem a construção social e cultural de uma sociedade e oferecem um caminho metafórico para as pessoas compreenderem a vida – por mais que possamos questioná-los ou negá-los.

O que aqui chamamos de “aloprovérbios” são construções capazes de dar certos efeitos discursivos aos anexins, mantendo nitidamente o padrão e a estrutura da forma linguística que os inspirou, que é a condição *sine qua non* para que o vínculo se consolide. A comparação entre o provérbio “*Laranja madura, na beira da estrada, está bichada ou tem marimbondo no pé*” e algo como “Banana novinha, na jaula dos macacos, é de plástico ou tem veneno” exemplifica um caso de risco de desconexão, embora o formato lexical, semântico e sintático esteja espelhado. Não se saberia definir qual o índice ou o limite de aproximação ou de afastamento entre ambos. Se, diferentemente, a variante comesse com “Laranja mais dura, na beira da estrada”, o comentário seria outro. Entretanto, não há como negar que estamos diante de um meio de expressão eficaz e atual, proveitoso para se tentar situar de alguma maneira a memória produtiva da modernização dos aforismos.

Se atentarmos para os significados literais dos provérbios, veremos que um dos principais recursos na sua construção são suas “metáforas visuais”, como em “*Casa de ferreiro, espeto de pau*” (variante: “Casa de ferreiro, espeto de aço”), “*Em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher*” (variante: “Em briga de marido e mulher, não se mete o volante”), “*De grão em grão a galinha enche o papo*” (variante: “De grão em grão a galinha enche o saco”) ou “*Vai ver se eu estou na esquina*” (variante: “Vai ver se eu estou online”). Para uma expressão fraseológica pertencer a essa categoria, deve descrever denotativamente uma cena específica a partir da qual se possa obter uma Interpretação Proverbial Padrão (IPP)³, ou seja, sua explicação/tradução semântica.

As variantes dos provérbios podem bloquear o recurso da generalização e particularizar os referentes que, a princípio, tinham aquele objetivo. Isso quer dizer que as variantes dos provérbios podem modificar o processo de referencialidade. Além disso, quando se dá a “alomorfia” do aforismo (pelo modelo da metáfora visual ou por qualquer outro modelo), cria-se uma “macrounidade” virtual que funciona como um molde ou como um padrão para futuras criações de novas variantes.

Uma lista de ditados populares adaptados para o ambiente universitário e para a vida acadêmica (colhidos numa rede social) ilustra bem as possibilidades de transposição entre “generalização” e “especificação”:

³ Neal Norrick emprega o termo SPI (Standard Proverb Interpretation) a partir da exemplificação e dos comentários que recolhe no *Oxford Dictionary of English Proverbs* (1970).

- (1) A recurso aprovado não se olha a fonte.
- (2) Um aluno bem orientado vale por dois.
- (3) Não adianta chorar sobre o artigo recusado.
- (4) Cada banca, cada sentença.
- (5) É na necessidade que se conhece o orientador.
- (6) A necessidade faz a produção.
- (7) Antes só do que mal orientado.
- (8) Amigos, amigos, bolsas à parte.
- (9) A pressa é inimiga da redação.
- (10) Diz-me qual teu grupo de pesquisa e eu te direi quem és.
- (11) Em terra de mestres, quem tem doutorado é rei.
- (12) Artigos passados não movem o Lattes.
- (13) O laboratório do vizinho é sempre mais bem equipado do que o seu.
- (14) É melhor um artigo publicado do que dois no prelo.
- (15) Para bom pesquisador, meia referência basta.
- (16) Nem todo periódico que reluz é qualificado pela CAPES.
- (17) De tanto pensar, morreu o estagiário.
- (18) A união faz boa pesquisa.
- (19) A minha autoria acaba onde começa a autoria dos outros.
- (20) Azar na pesquisa, sorte na docência.
- (21) Cada artigo, um parecer.
- (22) Contra dados não há argumentos.
- (23) Devagar se vai publicando.
- (24) Duro com duro não faz nem xerox.
- (25) Prorrogação foi feita pra gente pedir.

Não é nosso foco neste artigo proceder à análise e interpretação de cada uma dessas variantes, mas mesmo uma observação superficial revelará que são dois os cenários, o da matriz generalizante (“*A cavalo dado não se olham os dentes*” / “*Um homem prevenido vale por dois*” / “*Não adianta chorar sobre o leite derramado*” / “*Cada cabeça, cada sentença*” / etc.) e o da reescritura restritiva. E nesse caso nem haveria como considerar a possibilidade de uma sinonímia ocasional, pois as mudanças produzidas no interior do cenário estabelecem uma boa distância entre o novo provérbio e sua unidade canônica.

A paródia, que costuma ser entendida no sentido de imitação burlesca, pode também ser entendida em sua acepção etimológica, como afirma Haroldo de Campos (1967, p. 16). Seus constituintes mórficos em grego são *pará-* (ao lado de) e *-ode* (ação de cantar), o que permite entendê-la como um *canto paralelo*,

“incorporando a ideia de uma canção cantada ao lado de outra, como uma espécie de contracanto” (Fávero, 2003, p. 49). Tudo isso que vimos dizendo sobre os caminhos alternativos que os aforismos percorreram nos últimos tempos talvez tenha começado se aceitarmos a hipótese de Natalie Davis (1990, p. 201) – na época do Racionalismo e do Iluminismo, quando os provérbios passaram a ser vistos como produto de falsas associações. A autora explica que, por não poderem passar por um crivo de comprovação sustentável, eles experimentaram então uma severa restrição e não eram bem recebidos, acusados de serem simplificadores, familiares e superados. Mas não se pode negar que há casos em que parodiar um provérbio é uma motivação importante e reiterada.

Dois tipos

Pelos dados que coletamos, é possível considerar que há dois tipos de “aloprovérbios”. O primeiro deles tem as características de circunstancialidade, efemeridade e flagrância, seja (I) registrando um contexto restrito tanto do ponto de vista espacial como temporal ou (II) mostrando finalidade irônica ou humorística.

Vejam alguns exemplos. O primeiro está na foto de um jornal popular publicado na Copa do Mundo de 2010, após o jogo em que o Brasil derrotou a seleção da Coreia do Norte pelo placar de 2 a 1. O adversário considerado muito fraco criou dificuldades para a equipe brasileira, o que gerou esta imagem:



Figura 2: Jornal *Meia-Hora*, 16 maio 2010

O processo intertextual implícito, aqui, consiste na alteração do provérbio “*Todo castigo pra corno é pouco*”, que é reconstruído ironicamente para atender a uma pretensão do enunciador. O homem com um chapéu de chifres é o sinalizador do intertexto e ativa na memória do leitor a lembrança do dito popular. É um exemplo com flagrância (o jogo da Copa) e efemeridade (duração provável de apenas um dia).

A segunda exemplificação mostra variantes que atuam como piada e não precisam ser precedidas de nenhum acontecimento. Pode acontecer sob a forma anedótica, como no trecho retirado do livro de máximas de Max Nunes (1997, p. 86), que retoma o provérbio “*A união faz a força*” para negá-lo e, em seguida, explicar o motivo da negação: “Já se foi o tempo em que a união fazia a força. Hoje a União

cobra os impostos e quem faz força é você.” É um exemplo com circunstancialidade (fazer humor).

Ainda no subtipo anedótico, o “aloprovérbio” pode ter também um formato mais sucinto, aproximando-se da frase-matriz, como nestas frases colhidas em páginas de humor da internet:

- (1) Fiado só para maiores de noventa anos acompanhados dos pais. (*“Fiado só amanhã”*)
- (2) Em terra de cego, quem tem um olho é caolho. (*“Em terra de cego quem tem um olho é rei”*)
- (3) Aqui se faz, aqui se paga: ou a Deus no céu ou ao imposto de renda. (*“Aqui se faz, aqui se paga”*)
- (4) A riqueza não traz felicidade. A pobreza muito menos. (*“Dinheiro não traz felicidade”*)
- (5) Dívida pra mim é sagrada. Deus lhe pague! (*“Toda dívida é sagrada”*)
- (6) Depois da tempestade vem a enchente. (*“Depois da tempestade vem a bonança”*)
- (7) Gato escaldado... morre! (*“Gato escaldado tem medo de água fria”*)
- (8) Quando um não quer, o outro insiste. (*“Quando um não quer, dois não brigam”*)
- (9) Os últimos serão... os rebaixados. (*“Os últimos serão os primeiros”*)
- (10) Nada como um dia atrás do outro, com uma noite no meio. (*“Nada como um dia atrás do outro”*)

O segundo tipo, que consideramos o mais representativo para nossa hipótese, é a variante que reilumina a mensagem original e pode, em alguns casos, permanecer como um novo aforismo. O “aloprovérbio revisor” em geral é antagônico e pode até ser desqualificador. Entretanto, por ambientar-se na mesma esfera discursiva de sua “fonte inspiradora”, finda por se integrar nas relações sociais com a mesma função. Nesses casos, não importa se o ensinamento vira desensinamento, se a lição moral vira insinuação pecaminosa, se o conselho vira despropósito. Vale a nova feição e sua inconfessada pretensão em permanecer no imaginário da sociedade.

O primeiro exemplo de “aloprovérbio” desse segundo tipo está ilustrado por três imagens e mostra duas variantes de “*Só se vive uma vez*”: “*Só se vive duas vezes*” e “*Só se vive sete vezes*”.



Figura 3: Disponível em: <www.amazon.com>. Acesso em: 24 out. 2010 (à esquerda)

Figura 4: Disponível em: <www.saraiva.com.br>. Acesso em: 24 out. 2010



Clube de Jornalistas

Só se vive sete vezes

Só se vive sete vezes

Chefe acusa jornalistas de fazerem política e desafia-os a disputar eleições. Mas é ao contrário. Os jornalistas não politicam, o poder político é que está no jornalismo. Então, que se mostre às claras. Mas apareça sem os milhões do erário na manga. Faça um jornal que viva de receitas próprias.

[Curtir](#) · [Comentar](#) · [Compartilhar](#) · 24 de outubro de 2010 às 07:09 · 

Figura 5: Disponível em: <www.facebook.com.br>. Acesso em: 24 out. 2010

O curioso dessa exemplificação é reconhecer que a figura 5 é uma variante da variante, ou seja, a figura 5 mostra uma versão inspirada na primeira variação do provérbio (figura 4), com o acréscimo de uma intertextualidade com outro adágio (“O gato tem sete vidas”). Publicado originalmente como artigo no *Diário de Notícias* de 23 de outubro de 2010, “Só se vive sete vezes” tinha como subtítulo as frases

“James Bond tem 007 fôlegos. O povo não vai chegar a conhecer a democracia” e se encerrava com estas: “As forças do mal, porém, têm muito trabalho pela frente. Ainda acabam sentadas diante da comissão de inquérito. O James Bond das Angústias tem sete vidas.”⁴

Outro exemplo é o que se inspira no provérbio latino “*Dura lex, sed lex*” (a lei é dura, mas é a lei). Uma variante bem conhecida para esse aforismo é de autoria de Fernando Sabino (1980, p. 87): “Para os pobres, é dura lex, sed lex. Para os ricos, é dura lex, sed latex”⁵, ironizando a (in)justiça, que distingue pobres – para quem “a lei é dura mas é a lei” – e ricos – para quem “a lei é dura, mas *estica*”.

A frase de Sabino tem uma circulação restrita, algo que não ocorre com a versão mais consagrada desse provérbio. Referimo-nos ao conhecido *slogan* que está reproduzido na figura 6:



Figura 6: Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/reclames-do-estadao>>.

Acesso em: 26 maio 2010

O reclame de Gumex data da década de quarenta do século passado, o produto já não é fabricado há mais de vinte anos, mas a palavra permanece em uso. No *Aulete Digital* consta o verbete “gumex” (s.m.) que significa “substância líquida ou pastosa para fixar os cabelos”. Estamos, como se vê, diante de um caso de “eponímia de marca”, tendo em vista que o substantivo próprio passou a ter uso como substantivo comum – no caso, como sinônimo de “gel”.

⁴ Formas como “Só se vive dez vezes”, “Só se vive cem vezes” ou “Só se vive treze vezes” não foram encontradas em nossa pesquisa. Esse “aloprovérbio” só foi registrado com os números dois e sete.

⁵ A frase está no texto 7 do capítulo “Mineiro por Mineiro” de *A Falta Que Ela Me Faz*.

O exemplo de “dura lex” prossegue em nossa pesquisa com uma forma que repete o caso comentado no item anterior. Assim como “*Só se vive uma vez*” gerou “Só se vive duas vezes”, e este gerou “Só se vive sete vezes”, aqui também temos uma linearidade a seguir. “*Dura lex, sed lex*” gerou “Dura lex, sed lex. No cabelo só Gumex”, e este também gerou um outro “aloprovérbio”. Vemo-lo na figura 7:



Figura 7: Disponível em: <www.conversaafiada.com.br>. Acesso em: set. 2014

Ainda que tenha sido empregado com finalidade de humor, a variante da variante recorre a um nome comercial e por isso tem plausibilidade, pois não seria nenhum absurdo supor que, um dia, o fabricante dos relógios adotasse o *slogan* com intertextualidade publicitária.

Outro exemplo de “aloprovérbio” revisor do original, mas sem nenhuma pretensão comercial ou humorística, é o que se inspira na expressão bíblica “*Olho por olho, dente por dente*”⁶ e é atribuído a Mahatma Gandhi:

⁶ O trecho completo diz: “Então darás vida por vida, *olho por olho, dente por dente*, mão por mão, pé por pé, queimadura por queimadura, ferida por ferida, golpe por golpe.” (Êxodo 21)



Figura 8: Disponível em: <<http://super.abril.com.br>>. Acesso em: 10 set 2011

A revista *Superinteressante* de setembro de 2011 faz as seguintes considerações sobre a frase atribuída a Gandhi:

Ainda que não existam evidências concretas de que ele a tenha dito (como uma gravação em áudio da frase), o Instituto Gandhi acredita na sua autenticidade. A família do pacifista mais famoso da história também não nega a autoria. Louis Fischer, conhecido biógrafo de Gandhi, usou a expressão em seu livro *A Vida de Mahatma Gandhi* (1950), no capítulo sobre como o pensador encarava os conflitos na Índia, sob o domínio do colonialismo britânico. No entanto, a frase não foi colocada entre aspas. É por isto que a dúvida permanece – Gandhi chegou a dizer a tal frase ou Fischer a escreveu para ilustrar o pensamento dele?

O que nos importa aqui é, na verdade, a própria variação. É uma reescritura pacifista e faz um confronto com o conteúdo “justiceiro” da forma original. Mas é uma variação que carrega consigo o mesmo tom de ensinamento e de exórdio ou de conclusão, com finalidade de alerta, advertência de qualquer provérbio prototípico.

Os últimos exemplos desse segundo tipo são extraídos de uma canção de Chico Buarque, “Bom Conselho”. A letra é uma sucessão de rejeições à passividade e ao conformismo e diz:

Ouçã um bom conselho
Que lhe dou de graça:
Inútil dormir que a dor não passa.
Espere sentado
Ou você se cansa.
Está provado
Quem espera nunca alcança.
Ouça, meu amigo,
Deixe esse regaço,
Brinque com meu fogo,
Venha se queimar.
Faça como eu digo,
Faça como eu faço,
Aja duas vezes antes de pensar.
Corro atrás do tempo,
Vim de não sei onde,
Devagar é que não se vai longe.
Eu semeio vento
Na minha cidade.
Vou pra rua
E bebo a tempestade.

*Se conselho fosse bom, ninguém
dava, vendia.*

Dorme, que passa.

Quem corre por gosto não cansa.

Quem espera sempre alcança.

*Quem brinca com fogo acaba se
queimando.*

*Faz o que eu mando, não faz o
que eu faço.*

Pense duas vezes antes de agir.

Devagar se vai ao longe.

*Quem semeia vento colhe
tempestade.*

*Não faça tempestade em copo
d'água.*

Provérbios “instrucionais” representam um dos formatos mais constantes da paremiologia. O verbo no imperativo mostra uma instrução direta, com o interlocutor hipotético cristalizado na forma verbal da segunda pessoa do discurso: *Dorme, que passa; Faz o que eu mando, não faz o que eu faço; Pense duas vezes antes de agir; Não faça tempestade em copo d'água; Diz-me com quem andas e eu te direi quem és.*

Também contêm regras de comportamento os provérbios escritos em terceira pessoa com pronome indefinido. A generalização sintática é, na prática, uma forma disfarçada de repetir a instrução: *Quem corre por gosto não cansa* (IPP = Se você tiver motivação para fazer algo, não sentirá tanto o esforço); *Quem espera sempre alcança* (IPP = Se você tiver paciência, alcançará o que deseja); *Quem brinca com fogo acaba se queimando* (IPP = Não brinque com coisas perigosas para não se prejudicar); *Quem semeia vento colhe tempestade* (IPP = Não “plante” algo ruim para não arcar com as consequências); *Quem tudo quer, tudo perde* (IPP = Se você for ambicioso demais, pode não conseguir nada).

Na letra, Chico Buarque inverte os conselhos e as instruções, desmente-os, mas acaba produzindo novos conselhos e instruções. É o que mostram, por exemplo, os versos “Inútil dormir que a dor não passa”, “Quem espera nunca alcança”, “Faça como eu digo, faça como eu faço” ou “Devagar não se vai longe”.

Considerações finais

Contrastar o provérbio canônico com a modificação criada significa buscar e interpretar os efeitos discursivos de contextualização e particularização do enunciado. O contexto nos dá os referentes do provérbio e do “aloprovérbio”. Ou seja, é a situação específica que proporciona a validade do provérbio alternativo. Não há dúvida de que a unidade fraseológica modificada precisa funcionar no novo contexto, que atua, portanto, como o responsável pelo mecanismo de substituição, já que é ele (o contexto) que motiva e apoia a mudança. Nossas pesquisas confirmam que há situações em que os “aloprovérbios” particularizam determinado contexto, mas também que há casos em que eles são construídos como uma estrutura que se superpõe a uma leitura literal de seu significado. Também trouxemos aqui uma proposta de classificação para os “aloprovérbios”, subdivididos em dois tipos: o primeiro, a que chamamos de circunstanciais, efêmeros e flagrantes, e o outro, a que chamamos de revisor.

Entendemos que uma abordagem discursiva na descrição e análise da sinonímia e da paronímia fraseológica mostra que é possível produzir ou provocar novos entendimentos e reflexões. Por isso, dizemos que a pretensão de quem produz ou emprega “aloprovérbios” é, no fundo, a mesma de quem se vale dos “ditos populares”, já que as variantes proverbiais servem aos usuários da língua como uma espécie de reinvenção de normas, conselhos, avisos, ensinamentos.

Se os tempos são outros, o conteúdo dos provérbios ancestrais pode estar esvaziado ou esvaziando-se. Nesse caso, resta saber qual das hipóteses prevalecerá em cada caso de cada provérbio: “morre o homem, fica a fama” ou “rei morto, rei posto”?

Referências

BESSELAAR, José Van Den. *Introdução aos Estudos Históricos*. E.P.U, São Paulo, 1974.

CAMPOS, Haroldo de. *Apresentação a Oswald de Andrade*. São Paulo: Agir, 1967.

DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França Moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

Linha D'Água (Online), São Paulo, v. 27, n. 2, p. 37-52, dez. 2014

FÁVERO, Leonor Lopes. *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo: EDUSP, 2003.

MIEDER, Wolfgang. *Proverbs: a handbook*. New York: Peter Lang, 2002.

NORRICK, Neal R. *How proverbs mean*. Semantic Studies in English Proverbs. Berlin, New York, Amsterdam: Mouton Publishers, 1985.

NUNES, Max. *Uma pulga na camisola*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

SABINO, Fernando. *A falta que ela me faz*. Rio de Janeiro: Record, 1980.

VERDELHO, Telmo & SILVESTRE, João Paulo (orgs.). *Dicionarística Portuguesa: inventariação e estudo do património lexicográfico*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2007.

VINHAS, Tânia. Frase da Semana. Revista *Superinteressante*. n. 295, set. 2011. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/superarquivo>>. Acesso em: 20 fev. 2014

Site

Música. Disponível em: <letras.mus.br>. Acesso em: 25 fev. 2014.

Recebido: 26/08/2014
Aprovado: 16/11/2014